COMENTÁRIOS

AVICULTURA

As dificuldades continuam

O relatório de maio da Associação de Produtores de Pintos de Corte – APINCO – revela que a produção destes animais, durante o primeiro quadrimestre do ano corrente, foi 26,2% inferior ao potencial de produção estimado a partir das vendas realizadas de matrizes. Este diferencial entre potencialidade e realização prende-se, como já é notório, às dificuldades em que a atividade avícola encontra-se no momento, no país, pressionada não só pelo lado da demanda como, também, pela recente tentativa de introdução da cobrança do ICM sobre o produto. Observe-se que, em 1981, a produção real de pintos de corte foi 24,4% inferior ao potencial de produção, o que não impediu, no entanto, que os resultados financeiros daquele ano desestimulassem o produtor independente.

No estado de São Paulo, embora a relação de preços frango vivo/ração tenha apresentado, no primeiro quadrimestre deste ano, valor superior ao de igual período do ano passado, o preço médio real recebido pelos produtores pelo animal vivo situou-se 15,4% abaixo do valor de um ano antes. Depreende-se daí que, embora os custos de arraçoamento estejam menos adversos à atividade (em função, basicamente dos atuais preços baixos do milho), a comercialização do animal terminado continua a esbarrar no corroído poder de compra da população. Do mesmo modo, a oferta ainda relativamente alta de animais terminados dentro de uma conjuntura de retração da demanda (em que pesem as medidas destinadas a reduzir a oferta, adotadas pelo setor no ano passado) permanece exercendo uma influência depressiva.

A incidência do Imposto de Circulação de Mercadorias sobre a comercialização de aves, a partir de 1º de abril deste ano, onerando o preço do animal em 3,6%, atingiu o setor avícola em um dos seus piores momentos, ocasionando protestos dos produtores e um pedido de revogação da medida. Em uma época em que a disputa por novas fatias do mercado, ou, mesmo, pela manutenção daquelas já adquiridas, atinge um ponto crítico, é fácil compreender o peso adicional desta taxação para o produtor, dada a dificuldade de repasse deste adicional ao preço estabelecido no varejo. Vale lembrar que, na cidade de São Paulo, a capacidade de compra do salário mínimo em termos do preço do frango limpo no varejo, passou de 78,2 kg, em novembro do ano passado, para 59,0 kg em abril deste ano (queda de 24,6%), enquanto a mesma relação, para a carne bovina, decresceu somente 13,7% no período, passando de 41,2 kg para 35,5 kg. Assim, a forte reação dos criadores a esta nova carga tributária parece ter sensibilizado as autoridades governamentais, levando à suspensão do recolhimento deste tributo (à exceção dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina), e à perspectiva de que venha a ser revogado na reunião do Confaz deste mês. Ressalte-se, por outro lado, que o reajuste do salário mínimo em maio e as recentes elevações do preço da arroba do boi gordo fizeram com que as relações salário mínimo/frango limpo e salário mínimo/carne bovina naquela cidade, passassem para, respectivamente, 83 kg e 49,1 kg.

Paralelamente a estas dificuldades de ordem interna, o setor exportador de frangos defronta-se, no momento, com más perspectivas no mercado internacional, situação que já se delineava ao final do ano passado. Não só a nova situação financeira dos países árabes produtores de petróleo (maiores importadores de frangos congelados brasileiros) não deixa margem à perspectiva otimista de aumento das vendas brasileiras ao Oriente Médio, como também vem-se acirrando, cada vez mais, a concorrência internacional. A França, em 1981, exportou 333,3 mil t de carne de frango (26,7% de sua produção) sendo que 205,2 mil t para o Oriente Médio e Egito, região e país que receberam, no ano passado, 229,3 mil t do produto brasileiro, 78% das exportações totais do setor avícola brasileiro. A produção francesa de carne de aves, em 1982, deverá ascender a 1,311 milhão de t. Diante da perspectiva de que o consumo dentro do país e da CEE pouco deverá alterar-se, em comparação ao observado no ano passado, a disponi-

bilidade francesa para exportações será da ordem de 350 mil t no corrente ano.

Por sua vez, também o Brasil conta vender ao exterior 350 mil t de frangos congelados e, a prevalecer a capacidade de compra dos países adquirentes desta mercadoria, perto de 80% da oferta seriam destinados ao Oriente Médio e ao Egito. Daí, parece claro que as metas das vendas brasileiras e francesas para aquela região poderão concretizar-se, mas numa conjuntura de preços descendentes, seguindo a tendência configurada no primeiro quadrimestre deste ano, quando o país exportou um volume 42% superior ao de igual período de 1981, mas a um preço médio 15% inferior.

É realmente de se desejar que o setor exportador atinja seus objetivos, sob pena de uma oferta adicional de frangos vir a deteriorar ainda mais a situação interna do produto. De acordo com o citado levantamento da APINCO, a produção esperada de carne de frangos, de janeiro a junho deste ano, acha-se em nível 26,0% inferior à capacidade de produção, com base nos levantamentos mensais de vendas de matrizes de corte realizado pela União Brasileira de Avicultura — UBA. Seria conveniente que esta contração na produção mensal de pintos de corte não só continuasse, como também aumentasse, já que a previsão de produção até outubro, com base nos levantamentos mensais de vendas de matrizes de corte, eleva-se a 1,676 milhão de t de carne de frangos. Deste modo, pode-se estimar que, caso a diferença entre as produções potencial e real de carne de frango continue, até o final do ano, em ritmo semelhante ao apresentado no primeiro quadrimestre (-26,7 %), o país estará em vias de obter perto de 1,47 milhão de t de carne de frangos, e cerca de 1,56 milhão de t de carne de aves, em geral. Volume este muito elevado para se pretender forçar o aquecimento dos preços pelo lado da oferta, conforme previsto em **Agroanalysis**, vol. 6, nº 3.

FEIJÃO

O Governo Federal é o personagem mais importante no mercado

A possibilidade da obtenção de uma safra recorde de feijão está praticamente concretizada, no ano corrente, bastando para isso que não ocorram reveses climáticos de última hora. Com efeito, as últimas estimativas de organismos oficiais dão conta de um resultado bastante favorável, com uma oferta total do produto aproximadamente 20% maior do que a do ano passado (ver Quadro 1).

O volume total da produção atualmente avaliado pela CFP, de 2,9 milhões de t, resulta do bom desempenho que vem sendo apresentado pela safra da seca, para a qual o Centro-Sul contribuirá com 705 mil t e o Norte-Nordeste com 707 mil t. Também

QUADRO 1

FEIJÃO: Balanço de Oferta e Demanda da Safra 1981/82 — 1.000 t

Discriminação	
Estoque inicial	24,8
Safra das águas	1.488,0
Safra da seca	1.412,0
Oferta total	2.924,8
Consumo	2.600,0
Estoque final	324,8

FONTE: CFP, Cacex.

a primeira safra, a das águas, teve uma boa performance, excetuando-se a vultosa quebra verificada na região de Irecê, na Bahia. Aliás, os números da CFP diferem de avaliações locais, pois aquele órgão calcula a safra baiana entre 80 mil e 90 mil t (contra uma previsão inicial de 250 mil t a 300 mil t) e, na região, consideraram-se as perdas ainda um pouco mais elevadas (ver **Agroanalysis**, vol. 6, nº 4).

O efeito baixista da grande oferta de feijão no mercado fez com que o governo federal, através do uso do preço básico, assumisse o caráter de grande — por vezes único — comprador. Isto porque o preço mínimo médio para a safra das águas, de Cr$3.709,80, situou-se, na maior parte das áreas produtoras, sistematicamente acima das cotações vigentes no mercado,